



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social.

PANORAMA DA PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES TRABALHISTAS NO SÉCULO XXI: INFORMATIZAÇÃO E FLEXIBILIZAÇÃO.

Larissa Pereira do Nascimento¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo uma análise provocativa no que tange a precarização do trabalho, a desregulamentação da legislação protetora, muitos trabalhadores ficaram a mercê do modo de produção capitalista e dos grandes empresários que sugam ao máximo a força dos trabalhadores, expondo-os a jornadas de trabalhos aviltantes e degradantes.

Palavras-chaves: Precarização, Informatização, Flexibilização, Trabalho.

Abstract: This article aims at a provocative analysis regarding the precariousness of work, the deregulation of protective legislation, many workers were left at the mercy of the capitalist mode of production and the great entrepreneurs who suck the workers' strength to the maximum, exposing them to days of degrading and degrading works.

Keywords: Precarization, Computerization, Flexibilization, Work.

INTRODUÇÃO

É muita discrepância e atropelos na sociedade contemporânea, é o não se importar com a má qualidade de vida de muitos sujeitos que se submetem a trabalhos insalubres, perigosos, intermitentes, desgastantes, em nome de uma flexibilização da legislação trabalhista que ferrou com a vida de muitos trabalhadores e consagrou aos empresários em obter mais lucro e mais-valia com a jornada de trabalho extenuante.

Os trabalhadores são os maiores detentores de poder em suas mãos, falta união, pertencimento e se reconhecerem como trabalhadores que vendem sua força de trabalho em troca de salários para subsidiar suas necessidades básicas enquanto seres sociais. É necessário romper as barreiras e ditames da hegemonia dominante do capitalismo monopolista e vislumbrar que quanto maior a capacidade de organização, resistência, confrontação e indignação da classe trabalhadora, mais embate contra a precarização, os luxos e altos salários da alta cúpula no poder.

O pressuposto e compromisso desta pesquisa bibliográfica são com a classe trabalhadora, na qual consistiram no acesso a materiais já elaborados por outros autores como livros, artigos científicos. E no pesquisador conhecer o objeto de estudo através de registros já materializados. Conseqüentemente, a pesquisa bibliográfica nos remete a

¹ Profissional de Serviço Social. Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã. E-mail: <lara-pereira1@hotmail.com>.

possibilidade de nos debruçarmos sobre o tema escolhido, o qual é de suma importância este levantamento de materiais para a concretude do objetivo e pela temática a ser investigada (GIL, 2002).

O novo proletariado de serviços vive descrente quanto ao futuro, assim como sendo autor da própria luta diária no trabalho encontram-se descontente no presente. O traço de pessimismo em não ver as coisas melhorarem, não ver mudanças, mas ao contrário um acirramento da exploração deixa muitos jovens sem perspectivas como o exemplo de uma jovem que acompanhou a dor e sofrimento do pai numa rotina de trabalho em uma mina e atualmente ela se recorda de suas lutas que não vê no seu presente. Mas, também sofre com a instabilidade no emprego, por não ter socialização com os demais colegas de trabalho ela é trabalhadora no serviço de limpeza, um trabalho individualizado e dessociabilizado. (ANTUNES, 2018).

Demonstra-se as conexões da sociabilidade capitalista e o universo do trabalho, como o suicídio um mal contemporâneo, as pessoas ceifam suas vidas para acabar com sofrimentos, ou pressões na sociedade e seu modo desgastante de vida sobrecarregado, o tempo é um grande rival dos sujeitos na atualidade, às pessoas estão sempre correndo e sem tempo para nada. Nem mesmo para simples prazeres da vida, para o convívio social estão sempre atarefados e um grande consumidor deste tempo é o trabalho.

DESENVOLVIMENTO

A axiologia a se desenvolver no presente estudo pretende propiciar uma análise sobre o rebatimento da crise estrutural do capital e de que modo à mesma afeta as condições de vida e de trabalho dos sujeitos no Brasil. Seja por meio da erosão do trabalho contratado e regulamentado, ou pelo advento da intensa e aviltante exploração do trabalho e também pela crescente ampliação do desemprego estrutural.

Os pontos referidos condizem que a crise estrutural do capital vem atingindo “o coração do sistema capitalista, ou seja, o conjunto dos países centrais no Norte do mundo, a erosão do trabalho contratado e regulamentado, herdeiro das eras Taylorista e fordistas, que foi dominante no século XX” (ANTUNES, 2010, p. 633). Todavia, o cenário posto na atualidade converge para o afloramento de retrocessos substituindo os mesmos por diversas formas de “empreendedorismo”, “cooperativismo”, “trabalho voluntário”, “trabalho atípico”, formas que mascaram frequentemente a autoexploração do trabalho. (ANTUNES, 2010, p. 633).

Outra problemática que tem se presenciado também é a explosão do desemprego estrutural em escala global, que atinge uma gama de trabalhadores na sua

totalidade, “sejam homens, mulheres, estáveis ou precarizados, formais ou informais, nativos ou imigrantes, sendo que estes últimos são os primeiros a ser penalizados”. (ANTUNES, 2010, p. 633).

Além de toda essa precarização no mundo trabalho, aumenta intensamente o desemprego em escala mundial. Cabe destacar essa problemática no Brasil em dados que segundo a Organização Internacional do Trabalho estima-se um quantitativo de 5,5% de desempregados no Brasil em 2018. O que representa aproximadamente que 193,6 milhões de pessoas estão em busca de um emprego no mundo. São dados alarmantes e traz consigo grandes preocupações, haja vista que em 2019 essa quantia tende a se exacerbar, ou seja, 35 milhões de pessoas deverão se sujeitar a trabalhos precários.

Em pleno século XXI, mais do que nunca bilhões de pessoas dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver, indica uma classe trabalhadora em sua totalidade os assalariados, homens e mulheres que vivem da venda de sua força de trabalho — a classe que vive do trabalho, conforme denominação de Ricardo Antunes e que são despossuídos dos meios de produção. (ANTUNES, 2018).

O cenário que se encontra é cada vez mais de “situações instáveis, precárias, ou vivenciam o flagelo do desemprego”. (ANTUNES, 2018, p. 25). Assim a população acaba se sujeitando à esses empregos diante da necessidade de sobrevivência, e essas formas de trabalhos tendem a crescer ainda mais no Brasil no ano de 2019 diante da flexibilização da legislação trabalhista. Uma falácia que diz corroborar para o aumento de empregos. Mas, seria suficiente lembrar que isso já ocorreu nos Estados Unidos, Inglaterra, Espanha e Argentina, a título de exemplo, entretanto em nada mudou o índice alarmante de desempregados que só vem aumentando (ANTUNES, 2010).

No Brasil, tem-se um fenômeno na gestão de aproximação as ideias americanas, todavia sem se ater a realidade brasileira totalmente diferente deste país. O que termina aumentado ainda mais a exploração do trabalho e trazendo descontentamentos aos trabalhadores. “Isto é, ao mesmo tempo que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadoras em escala global, há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos direitos sociais e erosão de suas conquistas históricas” (ANTUNES, 2018, p. 25).

Essa postura alienante é consequência da lógica destrutiva do capital que conforme expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo produtivo, em sentido amplo, a exemplo de fechamentos de muitos postos de trabalhos formais e com os salários condizentes com a função — no Brasil foi o caso das secretarias de governos, ou a unificação de algumas, o que gerou muito desemprego. Todavia essa postura fortalece o mercado ao “recriar-nos mais distantes e longínquos espaços, novas modalidades de

trabalho informal, intermitente, precarizado, “flexível”, depauperando ainda mais os níveis de remuneração daqueles que se mantêm trabalhando” (ANTUNES, 2018, p. 25).

Nesse interim, ressalta-se a importância de situar à categoria trabalho “indispensável para a compreensão da atividade econômica, o próprio modo de ser dos homens e da sociedade” (BRAZ; NETTO, 2009, p. 29). Então refletir sobre o panorama do trabalho cabe compreender que,

Na base da atividade econômica está o trabalho – é ele que torna possível a produção de qualquer bem, criando valores que constituem a riqueza social. Por isso, os economistas políticos sempre concederam ao trabalho uma importância especial em seus estudos. (BRAZ; NETTO, 2009, p. 29).

Inegavelmente, os homens e mulheres para satisfazer suas necessidades materiais que constituem a sociedade, obtém-se a partir de uma interação com a natureza, transformando matérias naturais, algo bruto para atender as necessidades de (homens e mulheres). A essa transformação realizada através da atividade é que denominados trabalho (BRAZ; NETTO, 2009).

Nesse campo fértil de debate, se aflora uma das grandes premissas que move o trabalho humano e o distingue do trabalho de outros seres segundo Marx:

[...] O trabalho é um processo entre homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e por tanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, o seu objetivo. [...] Os elementos simples do processo de trabalho são atividades orientada a um fim ou trabalho mesmo, seu objeto e seus meios. [...] O processo de trabalho [...] é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, [...] comum a todas as suas formas sociais. (BRAZ; NETTO apud MARX, 1983: 149-150, 153).

A grande chave da categoria trabalho está centrada na imaginação, no pensar, idealizar e materializar essa ação antecipada idealmente na realidade. “O ponto de partida é uma intencionalidade prévia – mais exatamente, importante ressaltar que o trabalho é uma atividade projetada, teleologicamente direcionada, ou seja: conduzida a partir do fim proposto pelo sujeito” (BRAZ; NETTO, 2009, p. 32).

Braz e Netto, ao tratar do trabalho difere o mesmo das atividades naturais, assim “o trabalho se especifica por uma relação mediada entre seu sujeito (aqueles que o

executam, homens em sociedade) e o seu objeto (as várias formas da natureza, orgânica e inorgânica)” (2009, p. 32). Por ocasião, o autor dá exemplos de um machado de pedra lascada ou uma perfuradora de poços eletrônica, prevalece à existência de uma troca entre os sujeitos e a matéria natural, ou seja, há sempre um meio de trabalho. E também um instrumento ou um conjunto de instrumentos que permite a mediação da relação entre ambos (BRAZ; NETTO, 2009).

Vigora a mediação de tais instrumentos de acordo com a finalidade que os sujeitos esperam, isso é, moldando estes instrumentos e fazendo suas escolhas “se um machado mais longo ou mais curto é ou não adequado (*útil, bom*) ao fim a que se destina (a caça, a autodefesa etc.)” (grifos do autor: BRAZ; NETTO, 2009, p. 32).

Outro ponto importante de se frisar é a comunicação necessária para o trabalho se realizar, pois o mesmo não é uma atividade isolada de outros sujeitos. “**O trabalho é, sempre atividade coletiva:** seu sujeito nunca é um sujeito isolado, mas sempre se insere num conjunto (maior ou menor, mais ou menos estruturado) de outros sujeitos” (grifos do autor: BRAZ; NETTO, 2009, p. 34).

Esse caráter coletivo da atividade do trabalho, e interatividade das pessoas se denominará de social. Como se pode observar,

O trabalho não transforma apenas a matéria natural, pela ação dos seus sujeitos, numa interação que pode ser caracterizada como o *metabolismo entre sociedade e natureza*. O trabalho implica mais que a *relação sociedade/natureza*: implica uma *interação no marco da própria sociedade*, afetando os seus sujeitos e a sua organização. O trabalho, através do qual o sujeito transforma a natureza (e, na medida em que é uma transformação que se realiza *materialmente*, trata-se de uma transformação **prática**), transforma também o seu sujeito: foi através do trabalho que, de grupos de primatas, surgiram os primeiros grupos humanos – numa espécie de salto que fez emergir um novo tipo de ser, distinto do ser natural (orgânico e inorgânico): o **ser social**. (grifos do autor: BRAZ; NETTO, 2009, p. 34).

Condizente a citação acima, o que constitui o ser social é o trabalho e as relações sociais que se estabelecem. Outrora, “foi através do trabalho — que grupos de primatas se transformaram em grupos humanos, *foi através do trabalho que a humanidade se constituiu como tal*” (grifos do autor: BRAZ; NETTO, 2009, p. 37). Nas palavras de Braz e Netto reafirmam que o trabalho é fundante do ser social, precisamente porque na acepção dos autores quando se fala de ser social se conversa também com a humanidade, a sociedade (BRAZ; NETTO, 2009).

Ricardo Antunes, em seu livro o privilégio da servidão destaca o trabalho como fundamental para os sujeitos, e revela seu impugno “a uma unilateralização presente nas teses que procuram desconstruir o trabalho quanto daquelas que fazem seu culto acrítico”.

(ANTUNES, 2018, p. 26). Desde sua remota origem, “na longa história da atividade humana, e sua incessante luta pela sobrevivência e felicidade social (presente já na reivindicação do cartismo², na Inglaterra do século XIX), o trabalho já se firmava como uma atividade vital” e temos vários lados, partes, isso é omnilateral conforme o autor (ANTUNES, 2018, p. 26).

Nesse cenário trágico que configura a sociedade capitalista, é preciso tomar cuidado com o trabalho, pois o mesmo está saindo de uma lógica de sustentar as necessidades vitais dos seres humanos, para uma vida resumida exclusivamente ao trabalho o que está ocorrendo no mundo capitalista e em “uma sociedade do trabalho abstrato -, ela, entretanto se converte em mundo penoso, alienante, aprisionado e unilateralizado” (ANTUNES, 2018, p. 26).

É aqui que emerge uma fundamental constatação segundo o autor, o capital está predominando sobre o real sentido do trabalho, quer seja, por um lado necessitarmos do trabalho humano e de seu “potencial emancipador e transformador, e por outro lado deve-se recusar as formas predominantes de trabalho que explora, aliena e infelicita o ser social, tal como o conhecemos sob a vigência e o comando do trabalho abstrato” (ANTUNES, 2018, p. 26).

Um termo chama a atenção no decurso do pensamento do autor *infelicita o ser social* o trabalho está cada vez mais degradante e desumano a fim de auferir altos lucros. A realidade do século XXI é bem essa, trabalho cansativo, muitas horas de trabalho com pouco espaço de tempo para poder preparar até suas refeições³, um transporte público de má qualidade, lotado, engarrafamentos a perder de vista, quando o trabalhador que mora nas periferias e trabalha no centro chega a casa já é noite, pressão por produtividade e metas, rotinização do trabalho, o despotismo dos chefes, coordenadores e supervisores (grifos nosso: ANTUNES, 2018).

Nesse sentido e “não menos importante é dizer ainda que a classe trabalhadora em sua nova morfologia participa cada vez mais do processo de valorização do capital e da geração de mais-valor nas cadeias produtivas globais” (ANTUNES, 2018, p. 64). Condizente, as formas de intensificação do trabalho se propagam a passos largos burlando os direitos trabalhistas, superexplorando; a vivência e às vezes a necessidade de estar em linha tênue entre a formalidade/informalidade, “os salários degradantes, os trabalhos

² Segundo o dicionário, são doutrinas e práticas de um grupo de reformadores políticos ingleses do século XIX, que advogavam melhores condições sociais e de trabalho para as classes operárias.

³ Muitos levam suas refeições para o trabalho por não dá tempo de irem a casa preparar sua alimentação e voltar ao trabalho. O que decorre de somente esquentar este alimento no micro-ondas, o que causa muito dano a saúde, e muitos estudiosos da área de saúde afirmam que este eletrodoméstico solta ondas de radiação ionizante possivelmente cancerígenas. Há uma divergência nesta forma de pensamento, o que deixa muitas pessoas preocupadas.

intermitentes, os assédios, os adoecimentos, padecimentos e mortes decorrentes das condições de trabalho” (ANTUNES, 2018, p. 64).

É notório se esperar que esse caminho acima citado de acordo com o aporte teórico de Ricardo Antunes, “indicam o claro processo de proletarização dos assalariados de serviços que se encontra em expansão no Brasil e em várias partes do mundo, dada a importância das informações no capitalismo financeiro global” (2018, p. 64).

Essa hipertrofia dado o modo de produção existente, coloca em segundo o plano a fundamental necessidade do trabalho e suga ao máximo o trabalhador e suas forças para produção em massa, observa-se o que Antunes desvenda,

O sentido do trabalho que estrutura o capital (o trabalho abstrato) é desestruturante para a humanidade, enquanto seu polo oposto, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade (o trabalho concreto que cria bens socialmente úteis), torna-se potencialmente desestruturante para o capital. Aqui reside a dialética espetacular do trabalho, que muitos de seus críticos foram incapazes de compreender. (ANTUNES, 2018, p. 26).

Mas é a essa processualidade histórica contraditória, presente no ato de trabalhar que queremos no ater, ao tempo que “emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza, que (re)converte o estudo do trabalho humano em questão crucial de nosso mundo e de nossa vida” (ANTUNES, 2018, p. 26). Nesse conturbado século XXI, a preocupação com o lucro e a mais-valia está no topo da pirâmide, e o trabalho humano, o ser social é deixado de lado, e o grande desafio nos dias atuais é dar sentido auto constituinte ao trabalho humano (ANTUNES, 2018).

As consequências dessas mutações no trabalhador são profundas haja vista a intensa exploração às quais são submetidos e extenua sua força e dilacera sua mente. Então, é primordial pensar na vida fora do trabalho e que a mesma também é dotada de sentido. Na contemporaneidade está aflorando o índice de pessoas doentes mentalmente como é o caso da depressão, suicídio e lesões por esforços repetitivos (LER), dores musculares por quem trabalha em serviços pesados) (ANTUNES, 2018).

Essas intensas mudanças sobre a vida e cotidiano de trabalho no século XXI, vêm aviltando e produzindo todos esses indicativos de doenças profissionais cada vez mais altos, e a falta de perspectiva de vida diante de tantas usurpações e contrarreformas são notórios. Tudo isso por conveniência política e econômica, falta estudos, pesquisas e notificação dessas doenças profissionais, assim consubstanciando com elementos que possam contribuir com a compreensão desse fenômeno.

Os sujeitos estão cada dia mais cansados e exaustos com as rotinas intensas de trabalhos, as pessoas passam mais horas no trabalho do que com as famílias, do que com

os filhos, fazendo uma atividade de lazer, esporte. Não está sobrando tempo, para atividades simples do dia a dia, os pais têm que se desdobrarem para ensinar uma atividade para o filho quando chegam do trabalho afadigado e muitas vezes estressados e sem paciência.

Perante a isso, temos também a dupla jornada de trabalho que recaem sobre as mulheres, em lidar com os filhos, com a casa. E com o trabalho fora de casa, muitas chegam extenuadas em seus domicílios e ainda tem que realizar todos os serviços domésticos, em sua grande maioria, sem a ajuda do marido, fruto de uma sociedade machista que não ensinam seus filhos a dividir estas obrigações. E muitas mulheres se sujeitam, vivem corriqueiramente com essas situações e acabam se frustrando, a tristeza e desmotivação pela vida tomam conta destas mulheres.

Ricardo Antunes e Luci Praun trazem importante contribuição ao destacar esse alavanque de exploração das forças produtivas de trabalho,

Não existem, nesse sentido, limites para a precarização, mas apenas formas diferenciadas de sua manifestação. Formas capazes de articular em uma única cadeia produtiva desde o trabalho terceirizado, quarteirizado, muitas vezes realizado nas casas dos próprios trabalhadores, àquele intensificado ao limite, desenvolvido nos ambientes “modernos” e “limpos” das corporações mundiais. Por isso que, sob a atual fase do capitalismo, o domínio do trabalho é, mais do que nunca, domínio do tempo de trabalho (Antunes, 2010 e 2015; Mészáros, 2007).

A citação acima dimensiona bem a realidade mencionada, estão corroendo o tempo do trabalho, não se importando com a vida desses seres sociais como foi exposto, o domínio do tempo de trabalho pelos capitalistas é mais importante que tudo, e o avanço da flexibilidade ou flexibilização se constituíram a palavra chave do momento em nome da exploração elevada do trabalho, uma espécie de síntese ordenadora dos múltiplos fatores que fundamentam a dinâmica dessa sociabilidade capitalista contemporânea.

Na prática, isso traduz impactos ainda maiores nas relações trabalhistas, a flexibilização nada mais é que uma forma de reafirmar o compromisso com os lucros, mais-valia, podendo o patrão negociar com o empregado, um simples conto de fadas que foi descrito na CLT. O que realmente se “expressa é uma diminuição drástica das fronteiras entre a vida laboral e espaço da vida privada, no desmonte da legislação trabalhista, nas diferentes formas de contratação da força de trabalho e em sua expressão negada, o desemprego estrutural” (ANTUNES; PRAUN, 2015, p. 412).

Fica evidente que os trabalhadores em nome dessa negociata entre patrão em empregado, sempre vai estar como subalterno nessa relação de poder, assim a frase “manda quem pode e obedece quem tem juízo”, um ditado popular se aplica a este cenário que está se vivenciando, pois se o patrão falar hoje você tem que ficar mais tempo, o

trabalhador vai acatar sem retrucar tal ordem. Por medo de perder o emprego e o sustento da família, o que Antunes e Praun citam acima entre aspas, é o seguinte, nega essa flexibilidade ou acordo para ver se não vai fazer parte das estatísticas do desemprego estrutural.

No meio destas circunstâncias descritas,

Pode ser percebida ainda, no dia a dia da atividade laboral, diante da forte sensação de que o tempo foi comprimido; ou também na clara densificação da jornada de trabalho, na qual todos se desdobram para executar sozinhos o que antes era feito por dois ou mais trabalhadores. Além disso, é visível por meio dos bancos de dias e horas que ajustam a jornada às demandas flexíveis do mercado, assim como através da instituição de uma parcela variável do salário subordinada ao cumprimento de metas de produção e “qualidade”, entre outras formas de manifestação (ANTUNES, 2015, p. 412 apud PRAUN, 2014).

Essa conjunção de fatores torna-se plausível discutir outra questão que coaduna a temática, o fato de que os desempregados ou exército industrial de reserva também sofrem com esse desemprego latente na sociedade. Ocorre por meio de pensamentos negativos de incapacidade de conseguir um emprego, de não estar preparados para o mercado de trabalho; da força imposta em aceitar o que aparecer. Surgem angustias e aflições que corroem os sujeitos e remetem a outras doenças como depressão, suicídio por acreditarem não servirem para nada, e de fazer uma afirmação que estão dependendo dos outros em caso de familiares, que estão dando despesas, gastos.

Essa realidade esbarra mais nos jovens, ou idosos que são descartados pelos empregadores por falta de agilidade muitas vezes, de se adequar a informatização. A situação está cada dia mais preocupante e de aflição para a população, pois se essa reforma da previdência for aprovada, as pessoas terão que trabalhar até idosas com sessenta e poucos anos, sem se ater que cada sujeito se difere um do outro e também tem que levar em conta que, o trabalho exercido por esse sujeito se é pesado, muitas pessoas não conseguiram aguentar essa dura realidade tão próxima.

No mundo do trabalho floresceram muitas mudanças nas últimas décadas, por exemplo, o avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e com a mesma muitas pessoas acreditaram que viveriam uma nova era de felicidade que se iniciava, como o é o caso do trabalho online, digital, novas tecnologias que colaborariam com essa nova era informacional, adentrávamos em mundo novo e o mundo do labor enfim superaria o sofrimento (ANTUNES, 2018).

A atual configuração da sociedade digitalizada e tecnologizada, conforme o autor Antunes, nos levaria ao paraíso, e quiçá a existência de um mundo sem trabalho, um mito que o mesmo vai tecer breve reflexão diante da sua incapacidade de existência (ANTUNES, 2018).

Sabe-se que o mundo real é muito diverso do seu desenho ideal, assim o mito de que com a entrada das tecnologias e da nova era digital do trabalho as coisas melhorariam para o lado do trabalhador e até mesmo a existência de uma sociedade do tempo livre no capitalismo atual, cai por terra. Debruça-se sobre um mundo do trabalho real e férreo que se expande em escala planetária (ANTUNES, 2018).

CONCLUSÃO

Contrariando algumas teses que pregam o fim do trabalho humano na sociedade capitalista e contemporânea, a atualidade tem mostrado o lado contrário. O que incide e nos desafia a compreender é a nova morfologia do trabalho segundo Ricardo Antunes, autor tão sagaz ao discutir a categoria trabalho, e nesta pesquisa reiteramos como a introdução de inovações tecnológicas — informatização tem contribuindo para um universo da classe trabalhadora tão férrea na sua exploração. “Nova morfologia essa que no Brasil, compreende desde o operariado industrial e rural clássicos até os assalariados de serviços, os novos contingentes de homens e mulheres terceirizados, subcontrados, temporários” (ANTUNES, 2018, p. 135).

Um mundo do labor frio e calculistas que querem que o trabalhador se comporte e sigam os moldes de uma máquina, que não tenham pausa nem para sanar suas necessidades básicas, uma pressão por produção que aliena e adoce os sujeitos. A introdução da tecnologia facilitou a vida das pessoas, o acesso a informações e rapidez em resolver algumas demandas.

A realidade aqui exposta de ampliação da precarização/flexibilização reluz a intensidade do capitalismo contemporâneo em explorar, diminuindo até mesmo a fronteira entre a vida privada e espaço laboral. Enfraquecendo e até mesmo submergindo a legislação protetora do trabalho, bem como a organização sindical. Assim, quanto maior o grau de desproteção da legislação trabalhista maior o ritmo de precarização das condições de trabalho. Outro destaque no que tange ao trabalho é o fato de que com as tecnologias o trabalho antes desenvolvido por duas ou mais pessoas hoje é recorrido a somente uma pessoa que sofre para dar conta de desenvolver o mesmo.

Sendo assim, nessa sociedade capitalista de ranços conservadores e extremistas, a luta por direitos sociais e políticas sociais é uma luta tática e necessária, na garantia das necessidades básicas da população, “e a depender do jogo de forças, pode conter uma dimensão anticapitalista, particularmente na disputa pelo fundo público e na

resistência à mercantilização do atendimento das necessidades do estômago e do espírito” (MOTA, 2018, p. 233).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Prefácio. In: MÉSZÁROS. István, 1930. A crise do capital; [tradução Francisco Raul Cornejo... [et al.]. – São Paulo: Boitempo, 2009. – (mundo do trabalho).

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da Servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n123/0101-6628-sssoc-123-0407.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. 2019.

ANTUNES, Ricardo. **A crise, o desemprego e alguns desafios atuais**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n104/03.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. 2019.

DOCA, GERALDA; PEREIRA, Pedro Paulo. Revista Forum. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/governo-bolsonaro-estuda-proposta-para-trabalhador-abrir-mao-de-ferias-e-13o-ao-ser-contratado/>>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. 7. reimpressão – São Paulo: Atlas, 2006. 206p.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**. 5. Ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.